

Motta vai coordenar a campanha

Apesar da crise, ministro repetirá em 98, na disputa pela reeleição, papel que teve em 94

Luís Costa Pinto e Lydia Medeiros

BRASÍLIA

O ministro das Comunicações, Sérgio Motta, já acertou com o presidente Fernando Henrique Cardoso o que vai fazer em 1998. Nenhuma surpresa: apesar da crise que provocou na semana passada, vai coordenar a campanha da reeleição do presidente. É tudo que Motta e os caciques do PSDB querem, mas é o que o PFL e o PMDB temem. A garantia foi dada na conversa que Motta teve com Fernando Henrique no Palácio da Alvorada, no dia 21, quando a assessoria do Planalto divulgou que o presidente teria passado um pito no ministro em função da entrevista à revista “Veja”.

Na quinta-feira, Fernando Henrique disse a um amigo, tucano e paulista, que tinha garantido a Motta o posto de comandante da campanha de reeleição. Será o ministro quem dará a palavra final sobre as alianças. Caberá a ele, também, entender-se com os partidos aliados, principalmente com o PFL, cujas estrelas nacionais, o senador Antônio Carlos Magalhães (BA) e o deputado Luís Eduardo Magalhães (BA), temem a independência intelectual de Motta nas costuras políticas. O amigo tucano a quem o presidente comunicou sua decisão tratou de espalhar a notícia entre os integrantes do PSDB.

— Espero que ninguém ouse comentar a ascendência de Motta sobre o PSDB. Afinal, ele é a cara do partido e é um dos melhores amigos do presidente. Ele é uma das colunas sobre as quais o nosso partido se ergueu e chegou à Presidência e será uma peça fundamental na manutenção do PSDB no poder depois de 2002 — diz o deputado José Aníbal (PSDB-SP), já pensando na eleição seguinte à possível reeleição.

PFL defende colegiado com representantes dos partidos

Ao PFL, porém, a notícia não agradou. O partido considera inconveniente a presença do ministro na equipe eleitoral e defende um colegiado para mandar na campanha. O colegiado seria formado pelo presidente, pelo vice Marco Maciel e por representantes do PSDB e do PFL indicados por eles. Em 94, havia um conselho formado pelos presidentes do PSDB, PFL e PTB, mas quem dava a palavra final era sempre Motta. Apesar do convite feito por Fernando Henrique ao PMDB para integrar a aliança, o líder do PFL no Senado, Hugo Napoleão (PI) exclui o partido desse grupo: Ele acredita que o PMDB terá candidato próprio.

Segundo Napoleão, Motta é amigo do presidente e criaria problemas se ficasse à frente do comitê, repetindo o papel que ocupou em 94.

— Faço um vaticínio: Motta não estará no comando da campanha. Ele não vai dar margem a confusão. Se assume essa função, será um porta-voz e poderá dizer coisas inadequadas — afirma.

Afastamento já está decidido e candidatura a prefeito é hipótese

Porém, à mesa de refeições do Palácio da Alvorada, na semana passada, o presidente chegou até a fazer ensaios sobre como dar maior liberdade ao ministro nas articulações eleitorais. No próximo ano, quando precisar se dedicar quase exclusivamente à campanha (calcula-se que isso ocorrerá entre abril e maio), Motta deverá deixar o ministério. Não sairá definitivamente, e sim licenciado. Já se falou no Alvorada no nome de Renato Guerreiro, secretário-executivo do ministério, para ocupar o posto até que a reeleição esteja assegurada. Depois Motta reassume o ministério e pode sair para cumprir outra missão: disputar a Prefeitura de São Paulo pelo PSDB em 2000.

— Sérgio Motta é um quadro do partido, teve sua projeção inflada nestes três primeiros anos do governo e vai naturalmente ganhar vôo próprio na política. Ele é um bom nome para disputar uma eleição majoritária e nada melhor do que começar pela Prefeitura de São Paulo. No momento, é isso que está em pauta — diz um dos muitos tucanos que na semana passada discutiram longamente com o presidente o futuro do PSDB e de Motta.

Apesar da prova de confiança, o presidente pediu ajuda a amigos comuns para que avisassem ao ministro que o episódio da incontinência verbal foi seu último deslize.

— Ficou claro para mim, para o Sérgio e para todo mundo que foi a última vez. O presidente me pediu para, numa boa oportunidade, dizer isso ao ministro — revela um senador do PSDB.